

O CORPO EM MOVIMENTO A ELABORAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

Eduardo Ravagni Nicolini

Psicomotricista. Terapeuta Corporal. Licenciado em Ciências da Educação. Mestre em Psicologia da Educação. Professor do Departamento de Fisioterapia e Reabilitação/CCS/UFSM/RS. Consultor "ad hoc" do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Consultor "ad hoc" da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS.

Resumo:

Ensaio sobre as peculiaridades do corpo humano em relação com as suas particularidades biológico-funcionais que, propiciando a conformação do espaço-movimento oportunizam, significativamente, a elaboração da imagem corporal. As capacidades biológicas do corpo são as condições da sociabilidade e a cultura é a condição de desenvolvimento dessas potencialidade biológico-corporais.

Palavras-chave: corpo, movimento, imagem corporal

O corpo humano, na sua constante tentativa expressiva, movimenta-se.

No entanto, o que não está claro é: **se o corpo é movimento ou se o corpo está em movimento.** Dicotomia paradoxal que permite nos fazer repensar as propriedades do corpo em cima do processo lento e gradativo que acompanha o ser humano, na apropriação da sua imagem corporal.

O corpo é ou constitui uma unidade ativa mediante o interjogo coordenado das suas partes. A maciça difusão de símbolos que o movimento dessas partes do corpo permite, através dos gestos, das mímicas ou até

das posturas (em sentido funcional), nos faz repensar o movimento corporal através do que consideramos ser os pressupostos simbólicos da sua propriedade comunicativa.

Quando em nossa vida tudo flui perfeitamente, quando as nossas reações adaptam-se às exigências do cotidiano, o corpo é, esquecido. Até parecia que ele não existe. Porém, quando surge a dor, quando os nossos movimentos deixam de ser rápidos e precisos, o corpo aparece, aponta, desvela-se através de considerações e de adjetivos que a ele atribuímos. Dessa forma ele aparece como prioridade que sai do anonimato, permitindo até que o chamemos "nosso corpo". Ou seja, ele aparece

através dos signos de alarme e de cuidado, que constituem o espaço da dor ou da angústia.

Criam-se, assim, os limites e as possibilidades em torno do corpo que, paralelamente, fazem surgir os sinais associados às possibilidades e às impossibilidade de cada pessoa.

Desta forma, por debaixo de qualquer movimento adaptado a um objetivo ou finalidade encontramos, sempre, um signo-movimento pessoal independente do objetivo ou da finalidade exterior. Movimento que faz surgir a imagem que a pessoa faz de si, e que a projeta em cada uma das suas realizações.

A imagem é uma criação original a partir de diferentes referências, constituindo-se numa ilusão de objeto, que nasce de uma atividade espontânea do espírito.

As representações que ele evoca não podem ser observadas, uma vez que elas não poderão substituir o objeto. Assim, a imagem do próprio corpo forma-se ao longo da história de cada ser humano. Imagem física e imagem psíquica, que se entrelaçam e que facultam diversos níveis de representação.

O corpo físico do ser humano, que é composto de órgãos, de segmentos e de partes, é comparável ao corpo dos outros seres humanos. Ele é uma totalidade integrada, segundo Merleau Ponty¹, através da experiência. Experiência que faz entrelaçar a unidade física, comparável, à unidade psíquica, que se une à totalidade, através de situações históricas pessoais que não são jamais comparáveis.

Os movimentos são percebidos pela pessoa através das sensações que cada realização motora

determina, permitindo que o ato resultante possa ser representado ou lembrado através de uma emoção.

“As emoções constituem um sistema de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação”, segundo Henri Wallon².

Os mecanismos sensitivo-emocionais transformam movimentos dando sentido aos gestos. Desta forma, um abraço, um movimento afirmativo com a cabeça, a sustentação de um objeto com a mão etc., representam esquemas motores mecanicamente iguais para todos os seres humanos, porém, cada pessoa realizará o movimento de forma diferente. Isto nos permite afirmar que as normas da espécie, no ser humano, atenuam-se diante das características pessoais.

O corpo é a unidade de que dispomos quando movimentando-nos, agindo, sentindo, nos identificamos e nos relacionamos com os outros seres no mundo.

Realizamos, isto é, estamos no mundo, de acordo a um tempo e a um espaço que, limitado ou facilitado pelas nossas propriedades psicomotoras, permitem que vivenciemos a nossa unidade pessoal, isto é, somos “pessoas” e não apenas “indivíduos”, porque temos nosso tempo e porque ocupamos nosso espaço através do movimento.

O espaço que cada ser humano ocupa no mundo é diferente do espaço que ocupam os outros seres-no-mundo, mesmo que, por vezes, a existência impessoal de ser igual aos outros seres-humanos, leve uma pessoa a reafirmar a constante procura de sua própria existência mediante a confirmação da sua imagem ou seja, a imagem que na similitude conclama a diferença. Processo longo e complicado que, segundo a Psicanálise, requer uma forma de controle ativo.

¹MERLEAU, Ponty, Maurice, *Phénoménologie de la Perception*, Editions Gallimard, Paris, França, 1972.

²WALLON, Henri, *A Evolução Psicológica da Criança*, Editora Persona, Lisboa, Portugal, 1980, p. 148.

O aparelho motor, em constante sintonia com o aparelho sensorial, gradativamente substitui reações de descarga por atos dirigidos a fins determinados, através da maturação do aparelho psíquico.

A tolerância às tensões, isto é, saber dosar o período de tempo entre o estímulo e a reação, antecipa o futuro mediante a valoração ou juízo da situação, reafirmando as propriedades do corpo.

Controlar tensões no intuito de poder ficar sentado, de pé ou em equilíbrio ativo, fala do domínio de si que cada pessoa atinge ao longo do seu processo maturacional. Domínio corporal que fornece a possibilidade de independência, de prazer e, conseqüentemente, de auto-estima.

Na constante experiência de sentir, perceber e fazer, a criança transcende de receptor autista a intercomunicador ativo permitindo que a socialização dos seus comportamentos se dê através de olhares, sorrisos, gestos, isto é, mediante signos.

A socialização não aparece em um momento determinado da vida do ser humano. No entanto permite que a criança passe de um individualismo extremo, quase autista, a um egocentrismo dominador para, mais tarde, concretizar-se na admissão do outro em termos de parceria.

O ser humano, ao nascimento, não tem o seu aparelho psíquico estruturado, isto é, não há consciência, propriamente dita, neste período de entrada do indivíduo no espaço social. A ansiedade e a angústia, despertados pela excitação, e a procura de calma, unem o ser humano ao mundo nesta fase de estruturação do seu Ego. Assim, o corpo do bebê se constitui no vínculo de sustento das suas atividades biológicas e orgânicas que o mantém com vida, unindo sua existência ao seu meio biológico, através dos seus movimentos.

A existência humana tem lugar no espaço das relações cotidianas e o corpo ocupa um lugar de privilégio neste espaço de comunicação.

Segundo a opinião de Otto Fenichel

“No desenvolvimento da realidade a concepção do próprio corpo desempenha papel muito especial. De início, o que há é apenas a percepção da tensão, ou seja, de “alguma coisa dentro”.

Posteriormente, com a percepção de que existe um objeto para acalmar esta tensão, temos um “alguma coisa fora”. O nosso corpo é uma coisa e outra ao mesmo tempo. Pela ocorrência simultânea de estímulos tácteis externos e estímulos sensoriais internos, o nosso corpo transforma-se em alguma coisa distinta do resto do mundo, donde possibilitar-se-á o discernimento entre “self” (ou Eu propriamente dito) e “não self”.

A soma das representações mentais do corpo e órgãos deste, a chamada, imagem corporal, constitui a idéia de eu e tem importância básica na formação ulterior do ego. Não coincide a imagem corporal com o corpo objetivamente considerado, por exemplo, as roupas ou as extremidades alucinadas podem estar nela incluídas.

Um neurótico compulsivo preocupava-se obsessivamente com as roupas, as quais tinham de ficar-lhe perfeitamente bem sob pena de sentir-se angustiadíssimo. Era uma espécie de hipocondríaco das roupas. Veio-se a descobrir que, realmente, era com seu bem estar físico que se preocupava. O que não estivesse certo com a indumentária significava alguma coisa errada no corpo. As roupas incluíam-se na imagem corporal³.

O corpo transforma-se, assim, segundo Fenichel, em alguma coisa diferente do resto do mundo, através da

³FENICHEL, Otto, **Teoria Psicanalítica das Neuroses**, Livraria Atheneu, Rio de Janeiro, 1981, p. 31-32.

imagem que cada pessoa faz de si em relação aos outros seres humanos e às coisas que compõem esse mundo.

A fluência no movimento e o controle das diferentes partes do corpo interrelacionam-se, constituindo as características de cada ser humano, independentemente da idade.

A ambivalência de termos um corpo que reafirma a nossa presença no mundo através do seu poder e ao mesmo tempo da sua “servidão”, face ao tempo de vida, nos coloca diante da fragilidade de nossa existência, fazendo-nos ressurgir nas experiências que, ao longo de nossa vida, permitiram situar-nos diante do mundo.

Experiências cognitivas que permitem a compreensão dessa ambivalência mediante seu caráter significativo, isto é, na vinculação de cada experiência corporal aos meios que permitem designar, através da consciência, as realizações-movimento.

Cada pessoa inscreve no seu corpo a sua história de vida, uma vez que: mesmo sendo o corpo o órgão do possível, ele também é a consequência do inevitável, segundo Michel Bernard⁴.

Ser complacente consigo, saber situar seu tempo, entender a essência da sua unidade psicomotora, constituem as bases da aceitação dos limites que cada espaço de vida determina.

No entanto, conseguimos responder a nossa inquietação do início deste trabalho?

O corpo é ou o corpo está em movimento?

Vejamos, o ponto de vista que o ser humano têm ou faz do mundo está diretamente relacionado com o domínio que ele tem do seu corpo.

Todas as experiências do indivíduo com o mundo objetivo permitem redefinir sua essência à medida que ele torna-se uma pessoa através da sua história perceptiva. História sensível de experiências cotidianas, que transforma o **nada** e elementos e situações relacionáveis determinando limites, distâncias, profundidades, seqüências ou permitindo nomear as coisas. A corporeidade se dá na apreensão que o indivíduo faz do espaço circundante. O corpo é a própria essência do movimento do ser humano. A sistemática evolução das aptidões psicomotoras estão sedimentadas nas propriedades ativas do corpo. E as resistências que ele encontra face às possibilidades que os seus movimentos corporais oferecem, brinda a oportunidade dos primeiros intercâmbios ativos com o meio. Ou seja, o corpo também está em movimento.

O corpo humano pareceria ser, assim, apenas uma realidade sensitivo-expressiva fechada e íntima quando, na realidade, ele também é um mediador social aberto e disposto aos intercâmbios. Dessa forma, o indivíduo coloca-se diante dos conceitos que lhe permitem diferenciar, e interpretar, o possível do provável em relação com seus movimentos corporais.

Como falávamos anteriormente, tudo o que está situado próximo ou distante, dentro ou fora, a um outro lado do corpo do bebê está relacionado, na primeira fase do desenvolvimento psicomotor, às sensações corporais. Como o expressou Fenichel⁵, primeiro há: “alguma coisa dentro”, a molesta sensação de uma dor, por exemplo. Dor que, recompensada mediante a sensação de calma que a massagem de mamãe cria a nível local, na barriga, no braço, na perna, faz aparecer o: “alguma coisa fora”. Dentro e fora, eu ou não eu, movimento, dentro ou fora do corpo, dicotomias necessárias à

⁴BERNARD, Michael, *Le Corps*, Editions Univertaries, Paris, France, 1972.

⁵FENICHEL, Otto, opus. cit. p. 37.

conformação do Ego, que as possibilidades biológicas oferecem ao homem.

Descobrimos, assim, mediante o desvelar do corpo como unidade biológica, a sua capacidade inata em relação ao movimento e a sua condição psicomotora que permite, através da cultura, em movimento, situar a cada indivíduo no espaço social da pessoa. Relações que, inerentes à motricidade do ser humano, permitem

viabilizar o surgimento do conteúdo inconsciente dos sonhos, das fantasias e do impacto sócio cultural de uma sociedade onipresente.

O corpo é e o corpo está em contínuo movimento uma vez que a vida, constituindo-se no projeto da experiência corporal ao mito, nos permite elaborar nossa imagem mediante a compreensão do trajeto do mito até a experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. Manual de Psiquiatria Infantil. Editora Masson do Brasil, Rio de Janeiro, 1980.
- ALI, S. Cuerpo Real, Cuerpo Imaginário, para uma epistemologia psicanalítica. Editorial Paidós, Buenos Aires, Argentina, 1979.
- BALASKAS, Arthur La Vida del Cuerpo, Ediciones Paidós, Barcelona, España, 1981.
- BERGE, Yvone Vivre Son Corps. Éditions du Seuil, Paris, France, 1975.
- BERNARD, Michel Le Corps. Editions Universitaires, Paris, France, 1972.
- BIDWHISTELL, Rai L. El Leguaje de la Expresión Corporal. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, España, 1979.
- BOLTANSKI, Luc As Classes Sociais e o Corpo. Graal, Biblioteca de Saúde e Sociedade - Rio de Janeiro, 1979.
- BUCHER, H. Approche de la Personnalité de l'Enfant par l'Examen Psycho-Moteur. Masson et Cie., Paris, France, 1973.
- BUCHER, H. Troubles Psycho-Moteurs Chez L'Enfant, pratique de la rééducation psychomotrice. Masson et Cie., Paris, France, 1976.
- DENIS, Daniel El Cuerpo Enseñado, Ed. Paidós Ibéricas S.A., Barcelona, España, 1980.
- FENICHEL, Otto, Teoria Psicanalítica das Neuroses. Livraria Atheneu, Rio de Janeiro, 1981.
- GESELL e AMATRUDA. Diagnóstico do Desenvolvimento, Avaliação e Tratamento do Desenvolvimento Neuropsicológico do Lactente e na Criança Pequena. O normal e o Patológico. Livraria Atheneu Editora, São Paulo, 1990.
- GRÜNSPUN, Hain Distúrbios Psicossomáticos da Criança, O Corpo que Chora. Livraria Atheneu, São Paulo, 1988.
- KEPHART, Newell C. El Alumno Retrasado, Descubrimiento de las deficiências de organización. Editorial Luis Miracle, S.A. Barcelona, España, 1968.
- KLESPCH & LOGIE. Crianças Desenham e Comunicam, uma introdução aos usos projetivos dos

- desenhos infantis da figura humana. Edt. Artes Médicas, Porto Alegre, 1984.
- LA TAILLE, Yves Piaget, Vygostsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Editora Summus, São Paulo, 1992.
- LEONTIEV, Alexis O Desenvolvimento do Psiquismo. Livros Horizonte, Lisboa, Portugal, 1990.
- LEVY, Piere *Metamorphoses de L'écriture, Systemes a Bases de Connaissances, Simulations graphiques, Hipertexts*, in: *Communication et Lien Social*, coord. Pierre Chambat, Editions Descartes, Paris, França, 1992.
- MANZINI, Ezio *Entre Réel et Virtuel: L'Objet Interactif*, in: *les Chemins du virtuel, cahiers du CCI*, coord. Jeen Louis Weissberg, Centre Georges Pompidou, Paris, França, 1989.
- MERLEAU PONTY, M. *Phenomenologie De La Perception*, Editions Gallimard, Paris, França, 1972.
- MUSSEN, Paul Henry *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. Edt. Harbra Ltda. São Paulo, 1991.
- PIRET, S. e BEZIERS, M.M. *La Coordination Motrice, aspect mécanique de l'organisation psycho-motrice de l'homme*. Mason & Cie, Paris, France, 1971.
- PROST, Harry *Estructura Simbólica del Poder*, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, España, 1980.
- RAVAGNI, Eduardo *A Perda da Identidade Corporal do Velho e a Importância das Considerações Psicomotoras no Cuidado Terapêutico e ou Preventivo, Trabalho de Pesquisa desenvolvido no SESC - São Carlos - São Paulo com grupos de Terceira Idade, 1986/1988*.
- RAVAGNI, Eduardo *Conferência: O valor da atividade física para a saúde. Simpósio sobre Longevidade e Qualidade de Vida, Pirinópolis, Goiás, setembro, 1992*.
- RAVAGNI, Eduardo *Afetividade: Pressuposto de uma educação de qualidade? Anais do III Seminário dos Professores do Centro Educacional da Asa Norte, CAN, Brasília, 1993*.
- RAVAGNI, Eduardo *Desenvolvimento e Psicanálise. Revista: Atualização Brasileira de Fisioterapia Ano VII, Vol. VII nº 02, Abr./Mai./Jun., 1990*.
- RAVAGNI, Eduardo *Atividade Física: uma estratégia para o envelhecimento saudável, Terceira aula do curso: Rejuvenescer a Velhice, Fundação Universidade de Brasília, CEAS, maio, 21, 1992*.
- SPITZ, René *O Primeiro Ano de Vida*. Edt. Martins Fontes, São Paulo, 1988.
- WALLON, Henri *A Evolução Psicológica da Criança*. Edições Persona, Lisboa, Portugal, 1981.
- GLOBO-CIÊNCIA. *Revista, Ano 5, Agosto 1995, nº 49*.